

O REGIONALISMO DE 30: UMA LEITURA DE *MENINO DE ENGENHO*

Alessandro Aparecido **MODESTO**¹

RESUMO

Este trabalho de pesquisa bibliográfica pretende demonstrar de que maneira José Lins do Rego constrói, por meio do discurso, as condições que caracterizam *Menino de Engenho* como uma obra regionalista de teor neorrealista. Para tanto, abordaremos analiticamente aspectos que ajudem a construir esse perfil do romance, tais como descrições de ambiente local, costumes típicos, marcas da sociedade patriarcal, credences, superstições, índices de oralidade e sistema de predicação das personagens.

PALAVRAS-CHAVE

Modernismo; José Lins do Rego; Regionalismo; Neorrealismo; *Menino de Engenho*.

Introdução

O Modernismo brasileiro inicia-se oficialmente com a Semana de Arte Moderna de 1922. Os escritores da chamada geração iconoclasta assumiram uma atitude bastante combativa, reivindicando uma mudança radical na literatura, a qual devia desligar-se de toda herança plantada pela tradição conservadora.

Apesar da diversidade de correntes e ideias, pode-se dizer que, de modo geral, os escritores de maior destaque dessa fase defendiam a reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais, a promoção de uma revisão crítica de nosso passado histórico e de nossas tradições culturais, a eliminação definitiva do nosso complexo de colonizados, apegados a valores estrangeiros. Eram, portanto, defensores de uma visão nacionalista, porém crítica, da realidade brasileira. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 56).

Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira podem ser apontados como os representantes mais ilustres desse momento revolucionário na história de nossas letras.

¹ Graduado em Letras – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – Avaré-SP – alessandroletras@hotmail.com

A partir de 1930, há uma certa mudança de atitude por parte dos intelectuais. Passada a euforia do primeiro tempo, a segunda geração mostra-se mais comedida e procura um ponto de equilíbrio entre as inovações de 22 e o nosso passado literário.

Na poesia (Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles) sobressai uma expressão de caráter mais intimista e espiritualista, outras vezes de forte compromisso com a denúncia dos valores do mundo burguês-capitalista responsável pela desilusão quanto aos ideais de felicidade: o período entre-guerras é de decisiva importância para se compreender a postura dos poetas da segunda geração.

Quanto à prosa, o regionalismo adquire nova e importante expressão, focalizando principalmente o Nordeste, a seca, a miséria e as estruturas de poder de uma região marcada não somente pelas características da paisagem física, mas também pela forma de estruturação e atuação do poder das elites sobre os menos favorecidos.

O romance de 30 trilhou diferentes caminhos, dos quais o regionalismo, especialmente o nordestino, é o mais importante. A tradição da ficção regionalista nordestina já contava com nomes como Franklin Távora, Rodolpho Teófilo e Domingos Olímpio. Mas, com a publicação de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e, em seguida, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queirós, o romance nordestino entra numa fase nova, de denúncia das agruras da seca e da migração, dos problemas do trabalhador rural, da miséria, da ignorância. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 137).

Jorge Amado, Rachel de Queirós e Graciliano Ramos são referenciais precisos dessa vertente do regionalismo de 30, além de José Lins do Rego, um dos romancistas mais importantes do período.

José Lins do Rego nasceu em 1901 no município de Pilar (Paraíba) e faleceu em 1957. Atuou como promotor, também na imprensa e na vida diplomática. Pouco antes de morrer, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Sua obra, de modo geral, retrata a região canavieira da Paraíba e de Pernambuco num momento em que se assiste à transição do engenho para a usina.

As narrativas de José Lins apresentam forte relação com as memórias do autor, além de uma significativa oralidade. A carga afetiva de seus escritos também é um traço recorrente do estilo do ficcionista. Todos esses elementos estão presentes num dos seus romances mais importantes: *Menino de Engenho*, objeto de análise deste trabalho.

A construção do regionalismo em *Menino de Engenho*

Um dos recursos muito explorados pela literatura regionalista é a descrição de ambientes como forma de dar a conhecer ao leitor traços específicos da região focalizada.

E por onde as águas tinham passado, espelhava ao sol uma lama cor de moeda de ouro: o limo que ia fazer a fartura dos novos partidos. (...) Havia uma sombra de tristeza na gente da casa grande. Há três dias que ali não se dormia, comia-se às pressas, com o pavor da inundação.

O engenho e a casa de farinha repletos de flagelados. Era a população das margens do rio, arrasada, morta de fome, se não fossem o bacalhau e a farinha seca da “fazenda”. (...).

(...) e para nós era a única coisa a ver: a canoa cheia de ancoretas, e os cavalos, puxados, de corda, nadando, e a gritaria obscena do pessoal. O resto, tudo muito triste, a lama por toda parte. (REGO, 1982, pp. 66-67).

Na passagem acima, o ambiente descrito é o retrato do engenho depois de uma inundação. De forma que, o lugar que produz a riqueza da fazenda e de seu proprietário, torna-se um depósito de “flagelados”. É poética a relação que o narrador estabelece entre a lama e a moeda de ouro, juntando exatamente os significados de riqueza e decadência, metaforicamente. No fragmento, o autor mostra como as personagens são dependentes e estão sujeitas às condições do meio. Tanto, que até na inundação o engenho lhes serve de abrigo. A cena ganha tons de dramaticidade quando o local é caracterizado pela “gritaria obscena do pessoal” a olhar a “lama por toda parte”.

Poder-se-ia dizer que a articulação está justamente no contraste entre o esplendor da natureza, com as suas cores e o frescor dos ventos, e a miséria do homem. (COUTINHO, 2004, p. 346).

No que se refere a como se costuma proceder na relação entre ambiente e personagem, nota-se que José Lins do Rego não utiliza sempre a retórica do contraste, (natureza exuberante x miséria do homem). O escritor paraibano torna a cena mais dramática justamente porque mostra que, numa relação de dependência, a degradação do ambiente motivada pela chuva contribui para tornar mais desoladora a situação dos personagens que vivem naquele local.

A insistência na caracterização do espaço aparece também na passagem que segue:

(...) Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira, crescendo, o mata-pasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixado para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos. Ao lado da prosperidade e da riqueza do meu avô, eu vira ruir, até no prestígio de sua autoridade, aquele simpático velhinho que era o Coronel Lula de Holanda, com o seu Santa Fé caindo aos pedaços. (REGO, 1982, p. 56).

Nesse trecho, Carlinhos relata o começo do que seria a decadência dos senhores dos engenhos de cana-de-açúcar, descrevendo a propriedade do vizinho de seu avô. Nesse sentido, pode-se perceber uma espécie de caracterização do “nordeste feudal”, dominado pela soberania dos grandes coronéis, os quais, muitas vezes, não conseguem ficar imunes ao avanço, ao progresso e à modernização que se impõem; daí o emprego de expressões como “desolação de fim de vida” e “ruína”, por exemplo. Reforçando tal condição, “tudo deixado para um canto” e “caindo aos pedaços” são expressões que também acentuam a chegada de novos tempos e o efeito avassalador sobre as velhas estruturas físicas, econômicas e sociais.

Tais reflexões estão devidamente endossadas por José Maurício G. de Almeida:

...o da cana-de-açúcar, que se alonga por terras de massapé e por várzeas, do Norte da Bahia ao Maranhão. Apenas se tenta esboçar a fisionomia daquele Nordeste agrário, hoje decadente, que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira. (1999, p. 223).

Nessa busca constante de marcar as características do ambiente, a linguagem costuma deslizar do melancólico para o poético, como se nota no excerto seguinte:

(...) A chuva chegava com pingos de furar o chão e chovia dia e noite sem parar. As primeiras chuvas do ano faziam uma festa no engenho. O tempo se armava com nuvens pesadas, fazia um calor medonho. (...) Paco, paco, paco, paco – lá iam espanando a água com os cascos. Chegavam os moradores com as calças arregaçadas, pedindo semente de algodão para o roçado. E a chuva caindo sem cessar. (REGO, 1982, p. 81).

São de original emprego e de interessante efeito estético construções como “a chuva chegava com pingos de furar o chão” e “faziam uma festa no engenho”. Na primeira ocorrência, é evidente a onomatopeia que se constitui com a exploração do fonema /chê/ relacionando-se com o barulho da chuva; no segundo caso, a personificação está a serviço de mostrar o que significavam as chuvas para os moradores do lugar. Como

no Nordeste a seca é quase constante, a vinda da chuva era sempre uma festa também para o povo do engenho Santa Rosa e vizinhança.

Esse “retrato poético” que se faz do sertão é marca da identidade do regionalismo de 30, facilmente observável também em escritores como Graciliano Ramos e Jorge Amado.

No subconsciente, todo escritor brasileiro o que ambiciona é escrever um retrato do Brasil, o que explica a exuberância de nossa literatura regional. (ÁVILA, 1975, p. 88).

Outro elemento muito recorrente nesse romance é a questão social. Sabe-se que os escritores da segunda fase do nosso Modernismo praticaram uma arte de denúncia, de teor engajado, pronta a criticar as mazelas sociais e as estruturas de poder:

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros e nos matos. (REGO, 1982, p. 66).

É bastante sintomático o modo como o menino vê os empregados do engenho como seres inferiores: “ver todo dia esta gente na sua degradação” / “me habituava com a sua desgraça”/ “nunca, menino, tive pena deles”. O depoimento do narrador intensifica-se na passagem em que submete as pessoas a uma condição degradante, que caracteriza a zoomorfização herdada do Naturalismo do século XIX (“Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga”).

Instaura-se também no fragmento uma espécie de ironia na expressão do narrador-personagem no momento em que, destituído de qualquer sensibilidade, indiferente ao sofrimento alheio, avalia: “A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles”. E aqui outra vez as pessoas são rebaixadas, pois estavam submetidas aos seus proprietários assim como os bois, os burros e os matos.

A denúncia da realidade ainda se confirma no problema da escravidão que, de certo modo, ao menos na prática, permanecia naquelas propriedades:

Restava ainda a senzala dos tempos de cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a “rua”, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. (REGO, 1982, p. 41).

Apesar de elementos desse tipo de denúncia se fazerem presentes no romance, essa não é propriamente a tônica da narrativa de José Lins:

O modo atenuado como aparece descrita em *Menino de Engenho* a realidade social do meio agrário nordestino, passando o narrador um pouco por alto sobre os aspectos menos atraentes dessa realidade, deve-se, além das razões convencionais analisadas, de ordem biográfica e cultural, à natureza mesma do projeto estético do romance, muito mais de evocação lírica do que de denúncia social. (ALMEIDA, 1999, p. 217).

Descreve-se no fragmento que o tempo da escravidão já havia passado, mas a mentalidade do povo ainda era influenciada pela prática já extinta. Depois da alforria, a maioria dos trabalhadores optou por continuar nas terras do coronel José Paulino, descrito pelo neto como um homem sério mas bom, respeitado por todos.

Vale notar que a insistência na manutenção das estruturas explícita, ainda que de maneira sutil, a falta de oportunidade com a qual os negros sem qualificação se deparariam no mundo mais moderno que começava a se constituir, impondo-se.

Aliás, sobre esse aspecto, é válido mencionar como o avô de Carlinhos representava naquela estrutura uma espécie de patriarcalismo assistencialista:

(...) Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. (...) Gente safada, com quatro dias de serviço adiantado e metidos no eito do engenho Novo. Pensam que eu não sei? Toco fogo na casa. (REGO, 1982, p. 27).

O cunho paternalista que prevalecia nas relações entre dominantes e dominado é evidente. Ao mesmo tempo em que se faz presente e quer demonstrar cuidado com tudo o que possui e com as pessoas que ocupam as terras (“precisões do seu povo”), transparece a cada momento a noção de propriedade do velho José Paulino (note-se a insistência no uso de pronomes possessivos, os substantivos “senhor” e “chefe”). Até mesmo o hábito autoritário dos gritos num claro tom de ameaça aos moradores é demonstrado. Entretanto, não é esse aspecto mais impositivo e autoritário que a memória do narrador privilegia:

Não que falte ao romancista consciência crítica da realidade social retratada, mas essa em larga medida se neutraliza pelo envolvimento sentimental, fazendo com que, em *Menino de Engenho*, o tom elegíaco predomine. (ALMEIDA, 1999, p. 222).

Costumes típicos da região também contribuem para a constituição do perfil de *Menino de Engenho*:

De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido num grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia, o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta e solene do meu avô. (REGO, 1982, p. 8).

Na memória repleta de afetos do narrador está registrado um modo de vida típico daquele local a que Carlinhos vai se ambientando gradativamente. O costume de ir cedo para a mangueira, observar a presença imponente do avô, as lembranças sobre os companheiros das brincadeiras, enfim, tudo está registrado na memória afetiva do menino como uma rotina de vida muito típica daquele lugar. Vale notar nesse depoimento do protagonista a maneira como as experiências vividas ficam impressas e ajudam a moldar a sua personalidade. É a interferência do meio sobre a constituição da personagem – é o neorealismo típico da geração de 30:

O romance de 1930 inova ao abandonar a idealização romântica e a impessoalidade realista, para apresentar uma visão crítica de relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo. Essas raízes literárias que relacionam a ficção de 1930 às duas estéticas do século XIX fizeram com que os romances escritos nesse período fossem conhecidos como regionalistas ou neo-regionalistas. (ABAURRE, 2005, p. 564).

Ao lado desses registros de tonalidade afetiva, aparecem outros de caráter mais grotesco que evidenciam uma clara retomada de elementos naturalistas, agora aprofundados com a densidade psicológica das personagens:

Tínhamos as nossas cabras e as nossas vacas para encontros de lubricidade. A promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar. Era apenas numa buliçosa curiosidade de menino, a mesma curiosidade que nos levava a ver o que andava por dentro dos brinquedos. (REGO, 1982, p. 26).

Assim se dá o processo de iniciação sexual do menino, cujas “proezas” – que não eram poucas – eram enaltecidas pelo avô, que via o neto se transformar em homem macho:

A negra Luiza fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas. Ao contrário das outras, que nos respeitavam seriamente, ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância. Ia me botar pra dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis. (REGO, 1982, pp.75-76).

“Causos”, crendices e superstições também aparecem com fartura em *Menino de Engenho*:

A estrada escurecia com as sombras da noite. Ainda restavam pelas folhas das canas os últimos raios de sol do dia. E os moleques começavam a falar em mal assombrados. Bem juntos de Tia Maria, quietos e calados, com medo de almas de outro mundo, íamos fazendo o retorno de nossa viagem. (REGO, 1982, p. 17).

Note-se que há um cuidado do narrador em criar uma atmosfera (“A estrada escurecia com as sombras da noite”) para inserir o “causo” (“os moleques começavam a falar em mal assombrados”) que provoca a reação dos ouvintes (“com medo de almas de outro mundo”).

Dado o espaço em que se passa a história, não poderiam faltar referências à folclórica figura do lobisomem:

Na Mata do Rolo estava aparecendo lobisomem. Na cozinha era no que se falava, num vulto daninho que pegava gente para beber sangue. Manuel Severino, quando voltava de uma novena, levava uma carreira do bicho. Ele mesmo contava:

– Eu vi o vulto partir pra cima de mim, e larguei as pernas num carreirão de cavalo desembestado. Olhei para trás, e só vi o mato bulindo com um pé-de-vento... (REGO, 1982, p. 35).

Fica impresso nessas passagens do romance o sabor da narrativa oral, a valorização da nossa cultura que os modernistas da geração de 22 propunham com tanta convicção, forma legítima de substituir a mitologia greco-romana que há muito soava como retórica vazia e pouco convincente em nossas letras.

Numa linguagem sumarenta, de folclórico perfil, como que extraída da boca do povo arcaizado nas lonjuras do Nordeste da Paraíba, o autor fixa a luta entre a realidade e a crendice, ou o desabusado e o supersticioso ou delirante. (MOISÉS, 2000, p. 465).

No esforço de construir a expressão de uma cultura de caracteres nacionais, sobressai no romance de José Lins a oralidade, a conquista de uma dicção mais natural e adequada ao nosso jeito de falar, além do sabor dos “causos” que ajudavam a explicar bem quem era aquela gente. Desse modo, as histórias contadas alcançam o mesmo efeito de naturalidade e prazer quando transcritas para o leitor:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e Uma Noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! (...) (REGO, 1982, 37).

Finalmente, cumpre ressaltar no romance a caracterização das personagens como estilizações típicas do homem que vive na região representada. É rica e detalhada a maneira como se apresenta José Paulino:

Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões do seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. (...) Ele parava de porta em porta, batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas. (REGO, 1982, p. 27).

A descrição do avô faz de José Paulino uma representação típica daqueles coronéis obcecados pelo sentimento de posse, sempre em vigilância para manter a ordem, sempre em prevenção contra qualquer tipo de rebelião. O tom autoritário do senhor do engenho fica evidente na sua atitude de andar “batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas” – uma clara demonstração de poder.

Não menos rica e minuciosa é a caracterização de Carlinhos:

Tudo eles sabiam fazer melhor que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa. Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas. E eles às vezes abusavam deste poderio, da fascinação que exerciam. (REGO, 1982, p. 42).

Pode-se perceber que, devagar, Carlinhos vai se habituando ao novo ambiente. E descobre todos os prazeres que o lugar lhe podia oferecer, sobretudo a sensação de poder quase tudo (“senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas”).

Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo o que eles faziam. Metia-me com os moleques por toda parte. (...) Eu andava pegando pássaros no alçapão. E, escondido, passava horas inteiras na expectativa do sucesso. Muitos chegavam, examinavam tudo, punham o bico quase que dentro do alçapão, e iam-se embora, bem senhores do que se preparava para eles. (...) Já estava no engenho há mais de quatro anos. Mudara muito desde que viera de Recife. (REGO, 1982, p. 49).

Quando se acompanham as referências do texto a Carlinhos, é possível acompanhar o seu processo de transformação. Portanto, é pertinente afirmar que *Menino*

de Engenho possui também o teor de romance de formação (“Mudara muito desde que viera de Recife”).

Considerações finais

Pelo que foi apresentado ao longo do presente trabalho, podemos afirmar que a obra *Menino de Engenho* é rica em elementos regionalistas e o autor se vale de recursos como a zoomorfização, a descrição de ambiente, a estilização de personagens típicas e o aproveitamento da cultura local como forma de apresentar um panorama convincente da vida na região.

No romance analisado, os recursos citados somam-se também a uma forte carga de afetividade presente sobretudo no personagem narrador; tal expediente contribui para o aprofundamento não só das personagens, como das situações apresentadas e das críticas pretendidas pelo escritor. Eis o neorealismo que, nos moldes descritos, diferencia-se da expressão literária do Realismo/Naturalismo do século passado. Assim, não é sem razão que José Lins do Rego é um dos expoentes mais importantes não somente do nosso Modernismo de 30, mas de toda a história da literatura regionalista em nossas letras.

ABSTRACT

This bibliographic research work aims to demonstrate how José Lins do Rego builds, through discourse, the conditions that characterize *Menino de Engenho* (*Plantation Boy*) as a regionalist work of neorealist content. For this end, we analytically discuss aspects that will help to build this profile of the novel, such as local environment descriptions, typical costumes, marks of a patriarchal society, popular beliefs, superstitions, signs of oral and predication system of characters.

KEYWORDS

Modernism; José Lins do Rego; Regionalism; Neorealism; *Menino de Engenho*.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza M. e PONTARA, Marcela N.. **Literatura Brasileira: Tempos, leitores e leituras.** São Paulo: Moderna, 2005.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro: 1857 - 1945.** 2 ed.. Rio de Janeiro: Top books, 1999.

ÁVILA, Afonso. **O Modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 3. ed.. São Paulo: Cultrix, 1982.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português – Linguagens.** Vol 3. 5 ed.. São Paulo: Atual, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: Era Modernista.** 7 ed.. São Paulo. Global, 2004.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira.** Vol. 5. 4 ed.. São Paulo: Cultrix, 2000.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho.** 31 ed.. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1982.